

Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica da cidade de São Paulo (1895-1929)

José Inácio de Melo Souza

Parceria AHMWL /DPH/ SMC/ PMSP e Cinemateca Brasileira
Programa de Pós-Doutorado – Bolsista do CNPq-Brasil

<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>
<http://www.cinemateca.org.br>

Código: 00010
Denominação padrão: SALÃO PARIS EM SÃO PAULO

Victor di Maio retornou a São Paulo em 1900, abrindo o Salão Paris em São Paulo, nos baixos do largo do Rosário, 5, em prédio de José Maria Lisboa. Além de um cinematógrafo com vistas da Exposição de Paris daquele ano, havia dois panopticons. O aparelho citado, panopticon, talvez fosse um dos projetores desenvolvidos por Woodville Lathan em 1895 para competir com o vitascópio de Edison. O mais certo, porém, é que eram aparelhos fixos de projeção, sendo citado por Jacques Deslandes um panopticum explorado em 1890 por H. Goetze na França, ou então um poliorama panótico, que já tinha sido exibido em Porto Alegre em 1863. Di Maio trouxe também uma orquestra mecânica. Temos dois lançamentos de impostos para espetáculos de "cynematographo" datados de 11 de agosto e 12 de setembro (recibos 95 e 62), mas ele continuava sendo mau pagador, porque também existem multas de Rs 90\$000 (noventa mil réis) para setembro e outubro. Ele liquidou seus débitos em 11/10/1900. No largo do Rosário, 5, em 16/7/1903, estava instalado o "negócio de doces" (confeitaria?) de Federico Ploetterle.

Novo desaparecimento e novo retorno em janeiro de 1901. Desta vez, Victor di Maio e o Salão Paris em São Paulo estavam instalados na rua São Bento, 77, imóvel alugado ao Mosteiro de São Bento. Vicente de Paula Araújo também localizou por essa época apresentações do exibidor com um Biógrafo Americano no Eldorado Paulista. Em 16/3/1901, o exibidor pediu licença para um botequim no endereço onde estivera antes o cinema, no largo do Rosário, 5, abrindo a Maison Moderne (no mesmo dia ele também requereu o funcionamento para além das 22 horas regulamentares). O fiscal municipal Euclides Pacheco vistoriou o local em 20 de março, informando que a "casa onde o requerente deseja estabelecer-se acha-se em limpeza geral e a sala onde vai funcionar o botequim é espaçosa, prestando-se perfeitamente para esse ramo de negócios". Desconhece-se o período de permanência da Maison Moderne.

O cinematógrafo da rua São Bento foi anunciado com "grande repertório de vistas novas", mas, como nos casos anteriores, faltam informações sobre os filmes projetados. A entrada era de Rs 1\$000 (mil réis) para a geral e Rs 1\$500 (mil e quinhentos réis) para os reservados. A reinauguração foi barulhenta porque o delegado Saraiva Júnior apreendeu "fitas imorais" no salão. Depois disso, ele voltou ao noticiário no meio do ano (23 de junho). Victor di Maio avisou que havia novas atrações, pois além de "importantíssimas vistas animadas" chegadas de Paris, passou a contar com um museu de cera com figuras históricas nacionais (d. Pedro II, marechais Deodoro e Floriano e outros menos conhecidos), e um panorama. Há notícias do funcionamento do Paris em São Paulo em outubro e novembro de 1901. Outro documento informa que teria pedido licença para a exibição de um cosmorama no Salão Progredior em 8/4/1901, exposição de curta duração por falta de entendimento sobre o valor do aluguel.

O exibidor voltou ao noticiário em abril de 1902. Depois de uma viagem à Europa, visitou os diários alardeando novidades. Tinha se desfeito da Maison Moderne,

Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica da cidade de São Paulo (1895-1929)

Parceria AHMWL /DPH/ SMC/ PMSP e Cinemateca Brasileira
Programa de Pós-Doutorado – Bolsista do CNPq-Brasil

<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>
<http://www.cinemateca.org.br>

ocupada pela Pauliceia Fantástica, começando a montagem de seus novos aparelhos a 17 de abril. A maior atração era o “cinematógrafo falante”, chamado de “cine-phone” (junção de um disco com uma peça cantada, tocado com a imagem correspondente em *playback*; talvez di Maio tenha trazido a São Paulo um dos Phono-Cinéma-Théâtre criado por Clément-Maurice e Henri Lioret em 1900). De maneira a fazer propaganda do salão, ele iniciou uma série de apresentações gratuitas dos velhos equipamentos, antes do fechamento para reformas. Ajuntamento de qualquer espécie em via pública central era vista com maus olhos pelos poderes públicos, principalmente quando envolvia “crianças, soldados e indivíduos da mais baixa espécie”. O delegado Pinheiro e Prado mandou fechar o estabelecimento com o uso da força policial. Com isso, a propaganda durou uma única noite.

A reabertura do Salão Paris em São Paulo deu-se a 5/5/1902, no mesmo endereço da rua São Bento, 77. Aparentemente, o único título apresentado foi *Geneviève de Brabant* (não há registro desse filme entre os falantes do começo do cinema; com esta denominação, Jacques Deslandes cita um título de lanterna mágica). Ele deve ter ficado aberto mais do que os 30 dias regulamentares concedidos pela licença municipal. A 17 de junho, um espetáculo de hipnotismo tomou conta do endereço do Paris em São Paulo com os números de Georges Hicks e das irmãs médiuns Darlow. Barro registrou que a 31 do mesmo mês ele estava no Cassino do Guarujá, no litoral, fazendo exhibições.

José Inácio de Melo Souza